

A LUCTA

Santa Catharina—Desterro—Quinta-feira 14 de Maio de 1885

ANNO I

REDACÇÃO DE JOSÉ RAPOSO

NUMERO I

AOS COLLEGAS DA IMPRENSA

CUMPRIMENTA

A LUCTA

EXPEDIENTE

A «Lucta» assignar-se-ha no escriptorio do «Jornal do Commercio», á Praça Marão da Laguna n. 14. á razão de 1\$ por trimestre e de 1\$200 com porte pelo correio, devendo o pagamento ser feito adiantadamente.

Publicar-se-ha duas vezes por semana, ás quintas-feiras e domingos, sendo vendido o numero avulso a 40 rs.

Os cavalheiros que receberem o presente numero da «Lucta» e não o devolverem serão considerados nossos assignantes.

A LUCTA

Desterro, 14 de Maio de 1885.

Estamos preparados para a lucta. Abroquelados pela convicção de que o erro deve ser profligado e a apothese concedida á verdade, a luz irradiante dos corações puros, enver-

gamos a armadura de jornalista independente e entramos na liça.

Guerra franca, lucta aberta a tudo o que fór inconfessavel.

Alliança offensiva e defensiva a tudo o que fór honesto.

Eis o programma da *Lucta*.

Começando hoje a sua publicação, o novo jornal será um paladino incansavel dos direitos do povo.

Por elle, pelo rei dos reis, pelo povo soberano, pugnará sempre a *Lucta*, e no terreno da discussão mostrar-se-ha correcta e justa, não obedecendo a interesses privados, senão aos da terra em que nasceu.

Não tem a *Lucta* a menor immiscuidade nos embates dos dous partidos militantes da provincia: penderá para o lado onde vir que pôde haver autonomia e engrandecimento para este pedaço do grande torrão brasileiro.

Que se degladiem as duas facções politicas; para ella, para a *Lucta*, as escaramuças partidarias dar-lhe-hão lugar a que sirva de atalaya para aparar os botos com que constantemente se proetra ferir individualidades dignas de toda a consideração, e a quem a politica sem responsabilidade não respeit.

Trabalharemo sem descanso, alentados pela crença e auxiliados pela generosidade do povo que, esperamos, não nos ha de faltar.

A razão será o nosso phanal, e ás verberações intensas da sua grande

luz estaremos sempre ao lado d'aquelles que se batem pelas grandes idéas.

O nosso collega do *Jornal do Commercio*, no seu numero de hontem, noticiou o apparecimento da *Lucta* em phrases tão lisongei-ras que nós, extremamente penhorados, não nos podemos furtar ao desejo de transcrevel-as, francamente agradecidos.

Eis a noticia:

«Não tardará em apparecer mais um guerreiro na liça do jornalismo catharinense.»

A *Lucta*—a a direita inscrita no seu labaro, que só pretende desfaldar em prol dos interesses do povo, sempre que perigarem os seus direitos, a sua autonomia.

Ao que se propõe «A Lucta», melhor do que tudo dil-o o seu nome de baptismo.»

VELHA CANÇÃO DA ALSACIA

(CATULLE MENDÉS)

Em uma região da França—um velho rei existia—que o reino e o quanto possuía—ao filho deu mesmo em vida:

Na fraqueza da sua idade,—lançou a sorte o que tinha.—O filho jurou mantel-o—mantel-o como conviava.

O filho pouco depois—linda mulher esposou.—Ella foi má para o velho—o queixosa assim fallou:

«Causa-me immenso desgosto—ouvil-

o sempre a tossir,—à meza nas refeições—tolda a alegria, o prazer,»

Da esposa á forte vontade—o filho o pae afastou—n'um triste, pequeno nicho—silente o rei foi viver.

Deram-lhe grosseiro leito—de feno, de palhas feito.—Como asqueroso mastim,—houve o velho muitos annos.

Tempos depois a rainha—deu á luz um lindo filho—que mais tarde nobre espada,—alma piedosa tornou-se.

Ao ver o misero velho—o infante a cada momento—ia levar-lhe sustento—quanto podia levar-lhe.

Um dia pediu-lhe avô—para cobri-lo do frio—de um cavallo o velho manto—precipitou-se, o infante:

Entrou na cavallariça;—tomou de um lindo cavallo—o manto ainda perfeito—e tristemente rasgou-o.

Presente o pae perguntou-lhe—qual o destino do manto—Respondeu-lhe: «uma metade»—levo a teu pae, velho e pobre;

A outra guarda pr'a ti—quando prestado estiveres—no leito em que sepultaste—teu velho e misero pae!»

Idolatria

Ha quatro annos, mais ou menos, tivemos occasião de publicar uma traducção do grande dicionario de Larousse relativa á *apparicção* de uma *santa* n'uma cidade de França, mostrando então toda a falsidade do *milagre*, devido apenas á allucinação de uma pobre criança idiota.

Pelas linhas publicadas podia vê-se que a tal—*Immaculada Conceicção*—quando não fosse um meio padresco de fanatizar e locupletar-se com as esmolas dos pobres fieis, seria uma capa para encobrir scenas amorosas passadas n'uma gruta propria para os arrebatamentos do... amor.

Com effeito, propalava-se á surdina que a *apparicção* não passava de um estratagemá arranjado por

dous espertos namorados, e de que os padres tiravam proveito para innocular mais uma parçella de idolatria na nossa já desorganizada religião.

Quando fizemos essa publicação tinhamos um fito—fazer vibrar na alma dos Paes de familia o rebate da sã razão para a qual a «Senhora de Lourdes» não passava d'uma especulação, d'uma inverdade.

Viamos que esse embuste criava aqui adeptos; viamos que uma imagem phantasiada por um santeiro era passeiada pelas ruas d'esta cidade, envergonhando a população, desenvolvendo o fanatismo, e bradamos contra o escandalo, servindo-nos da palavra auctorisada de um grande pensador.

A nossa modesta traducção teve echo em alguns corações e o culto como que foi tomado de uma fresa que tirou-lhe forças.

Mas os espinhos e as ervas ruins nascem e medram apesar do cuidado do cultivador e, por isso, como a hydra, a farça de Lourdes devia mais tarde de apparecer e continuar o seu trabalho idolatra.

Hoje o Mez Maranno foi substituido; as homenagens á mãe do Christo deram lugar aos louvores á Nossa Senhora de contralando; e pobres moças, propensas ao mysticismo, curvam-se no templo entoando hosannas, que se perdem sem encontrar echo no concavidade de um tosco trabalho a formão!

E' preciso acabar com a idolatria; a religião de nossos paes precisa encontrar no coração da mocidade um sacrario inexpugnavel a essas comedias do fanatismo, que devastam a alma e velam o terebro.

Que os homens sérios, os respeitaveis Paes de familia, ciosos, como

nós, da pureza da santa doutrina do Homem do Calvario, ergam a sua voz acima da impostura dos interessados em conspurcar uma religião, fundida n'um molde divino e dilacerada pelo fanatismo, e ajudem-nos a expulsar os vendilhões do templo.

Que o estanque dos milagres desapareça sob o ariete do bom senso, e sobre as suas lobregas ruinas levante-se o templo despido dos manipanços do paganismo!

SAMUEL VERNON.

A PARTE E O TODO

Um homem sorumbatico
Agacha-se na gramma
De um jardim de fama
De bairro aristocratico.

E um perfume exotico
Voou pelo canteiro;
E, n'isto, o jardineiro
Gritou, todo plethorico;

—D'essa patifaria
Eu vou, em quanto é dia,
Dar parte ao Sr. Barão.

—Dar parte? tal não digo!
Dê toda ao seu amigo!
E sae pelo portão.

CINASTO LUCIO

Um casamento diabolico

Vivia antigamente n uma aldeia um velho, sua mulher e seu filho unico Ivanof; o casal era pauperrimo. Quando o filho cresceu, a mulher disse, um dia, ao marido:

—E' preciso casar o rapaz.

—Pois vai procurar uma mulher, disse o marido.

A velha foi á casa do visinho e pediu-lhe a mão da filha para Ivanof, o visinho recusou. Dirigio-se á casa de outro, que tambem recusou; o terceiro, por unica resposta apontou-lhe o cam

nho da porta. A velha voltou para casa e disse:

—Decididamente o rapaz é muito caipora.

—Como assim?

—Fui a varias casas, mas ninguem me quiz dar sua filha.

—Peior, peor, disse o velho. O verão está a bater á porta e não teremos ninguem que nos ajude a trabalhar. Vai á aldeia, mulher, que talvez tragas uma noiva.

A velha partio para a aldeia, apresentou-se em todas as casas, desde a primeira até a ultima; mas em toda a parte a acolheram de má cara.

—Ah! disse ella, quando chegou á casa, ninguem quer dar sua filha a uns mendigos como nós.

—Se assim é, replicou o velho, de que serve estristecermo-nos? Vamos dormir.

O filho ficou muito afflicto e disse:

—Pae que me dêste a vida, mãe que me amamentaste, dae-me a benção que eu mesmo irei procurar o meu destino.

—Mas onde irás?

—Onde os meus olhos me levarem.

Os velhos abençoaram o filho e deixaram-o ir onde lhe parecesse.

O moço dirigio-se para a estrada real, derramou lagrimas amargas, e disse com seus botões:

—Serei tão caipora que não encontre uma rapariga que queira casar commigo? Se o diabo me offercesse uma esposa, aceitava-a.

Immediatamente, como se surgisse das entranhas da terra, appareceu-lhe um velho.

—Bom dia, rapaz.

—Bom dia, velho.

—O que foi que disseste?

O moço teve medo e não soube o que responder.

—Não tenhas medo de mim, que nenhum mal quero fazer-te, e posso até ser-te util. Falla com franqueza.

Ivanof contou-lhe o que se passára.

—Sou um caipora! Não ha uma rapariga que queira casar commigo. Então, desesperado, furioso, exclamei

«Se o diabo me offercesse uma esposa aceitava-a.»

O velho pôz-se a rir e disse:

—Segue-me que te darei uma esposa lindissima.

Depressa chegaram a um grande lago.

—Volta as costas para o lago e anda para traz, disse então o velho.

Apenas o moço voltou-se e deu dois passos, achou-se debaixo d'agua e n'um palacio construido de pedras brancas.

Todos os aposentos eram sumptuosamente mobiliados.

O velho offereceu um banquete ao seu hospede. Depois chamou á sua presença doze raparigas bonitas, á porfia.

—Escolhe a que quizeres; dou-te a que escolheres.

—Galante aventura! disse o moço. Deixe-me pensar até amanhã, meu tio.

—Pois, sim. Pensa, disse o velho. E levou o hospede para seu quarto.

O moço deitou-se e perguntou:

«Qual d'ellas hei de escolher?»

Subito abriu-se a porta, e entrou uma bella rapariga.

—Dorme ou está acordado? disse ella.

—Não; não posso dormir; estou pensando na noiva que devo escolher.

—Foi por isso justamente que aqui vim. Sabes que és hospede do diabo?

Agora ouve. Se queres voltar vivo para o mundo branco, faze o que te digo; mas se não seguires as minhas instrucções, não sahirás d'aquí vivo.

—Dize-me o que devo fazer, e o meu reconhecimento será eterno.

—Amanhã o demonio te apresentará as doze raparigas.

Todas se parecem absolutamente;

mas olha para mim e escolhe-me. Na minha testa pousará uma mosca; será esta uma guia certa para ti.

E em seguida disse-lhe quem era e contou-lhe a historia de sua vida.

—Conheces o estalajadeiro da aldeia de...? disse ella.

Pois eu sou sua filha, aquella que lhe deappareceu de casa com a idade de nove annos. Um dia meu pae zangou-se commigo, e exclamou encolerizado: «Que te leve o diabo!» Sahi, não sei como, da porta e puz-me a gritar.

De repente os demonios arrebataram-me e trouxeram-me para aqui, e desde então vivo com elles.

No dia seguinte, pela manhã, o velho trouxe as doze moças, e ordenou ao moço que escolhesse uma esposa. Depois de as ter examinado attentamente, Ivanof indicou aquella em cuja testa pousára uma mosca.

O velho mostrou-se contrariado á escolha; trocou os lugares das raparigas e disse ao moço que escolhesse de novo.

Ivanof tornou a indicar a mesma rapariga.

O diabo obrigou-o a escolher pela terceira vez, elle indicou ainda a mesma noiva.

—Pois leva-a para tua casa, disse o diabo.

Immediatamente os noivos acharam-se á beira do lago; tiveram todavia o cuidado de caminhar ás recuadas até que chegassem ao caminho da collina.

Então o bom rapaz levou a noiva para a sua aldeia; mas passando em frente á casa do estalajadeiro pararam.

Este, vendo os viajantes, perguntou-lhes o que queriam.

—Somos viajantes, responderam elles, deixa-nos passar a noite em sua casa?

—Não posso, respondeu o estalajadeiro; tenho todos os quartos tomados.

—O que está para ahí a dizer, ó tio-sinho? perguntou-lhe um dos hospedes. E' um dever sagrado dar pousada aos peregrinos.

—Pois então que entrem.

Elles entraram e trocaram as saudações do costume e foram sentar-n'um banco, a um canto.

—Não me reconhece, meu pae? perguntou a rapariga: não reconhece a sua filha?

E contou o que se passára.

O pae abriu-lhe logo os braços e ambos derramaram lagrimas de alegria.

—E que homem é este? disse o estalajadeiro.

—E' meu noivo, respondeu a moça. Foi elle quem me trouxe para o mundo branco. Se não fosse elle, eu teria fi-

cado para sempre nas entranhas da terra.

E em seguida a moça desatou a sua trouxa e mostrou-lhe pratos de prata que roubára ao diabo.

O estalajadeiro examinou-os e disse: —Oh! são os meus pratos!

Um dia zanguei-me com minha mulher: «Que o diabo te leve» exclamei, lançando ao chão tudo o que estava ao redor de mim. N'esse momento os meus pratos desapareceram.

Fôra assim effectivamente o que succedera. Mal o estalajadeiro pronunciou o nome do diabo appareceu á porta, lançou mão aos pratos de prata e deixou apenas os de porcellana.

Foi assim que Ivanof encontrou uma esposa tão distincta.

E logo que a recebeu por esposa, voltou á casa de seus paes.

Qual não foi a sua alegria ao tornar a vel-o! Julgavam-no já perdido para sempre.

A sua volta foi festejada por toda a aldeia, e os velhos do logar decidiram que para o futuro ninguem diria, mesmo gracejando: «Que o diabo te leve.»

NIETT

ANNUNCIOS

O MEQUETREFE

HEBDOMADARIO HUMORISTICO,
CRITICO, SATYRICO E ILLUSTRADO

56 Rua da Quitanda 56

(CORTE)

Preço das assignaturas para as
provincias

Anno 20\$000
Semestre 12\$000

Pagamento adiantado

Correspondente da Empreza n'esta
provincia

JOSÉ RAPOSO

APONTAMENTOS

ORPHANOLOGICOS

Um volume de perto de 200
paginas por

Thomaz A. F. Chaves

Assigna-se á Praça Barão da Laguna
n. 32. Preço—3\$000

COLLEGIO SANTA MARIA

INTERNATO E EXTERNATO

DE INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

5 Rua da Paz 5

As aulas d'este collegio funcio-
nam regularmente das 9 ás 6
horas da tarde.

Os Srs. Paes de familia pode-
rão visitar o estabelecimento a
qualquer hora do dia, sendo-lhes
ahi ministradas as informações
que pedirem para a admissão de
alumnos.

O director

Custodio Teixeira Raposo

ARMAZEM

DE

JOSÉ BONFANTE DEMARIA

A' RUA DE JOÃO PINTO

Chama-se a attenção do publico para
os seguintes generos:

Vinho Saint Julien

superior, um das melhores que aqui
tem apparecido, em barris de 10°, de 5°,
em bordaleza, e engarrafado.

Sabão

de diversas marcas, preços e qualida-
des, em caixas ou a kilos.

Cadeiras

de vime, arribá e de cipo, a preços ra-
zoaveis.

Vassouras, etc., etc.

RUA DE JOÃO PINTO

GABINETE AMERICANO

3 RUA DA LAPA 3

Sobrado

Impressão de facturas em tin-
ta preta ou de côres, despachos,
cartões de visita, ditos commer-
ciaes, recibos de talão, rotulos,
etiquetas, etc., tudo feito com
brevidade, nitidez e a preços
commodos.

ADVOGADO

THOMAZ A. F. CHAVES

Praça Barão da Laguna
n. 32

SANTOS MOREIRA

RETRATISTA

RUA DO HOSPICIO, 102 -- Rio de Janeiro

O proprietario desta officina, uma das
mais conhecidas na côrte, manda a San-
ta Catharina o seu interessado, o Sr.
Alves Ferreira, com todos os objectos
necessarios para fazer qualquer traba-
lho de sua arte com a perfeição que se
faz na côrte.

Preços fixos:

Uma duzia de retratos simples 5\$000
Idem » » » em porcellana 8\$000

Não se faz meia duzia

Um retrato Imperial em por-
celana 6\$000
Dada um mais da mesma cha-
pa 2\$000
Um retrato, Salão, em porce-
lana 10\$000
Dada um mais da mesma cha-
pa 3\$000
Retratos de crianças, du-
zia 10\$000
Em grupos, por cada pessoa
que augmenta 2\$000

Nesta cidade—Rua da
Trindade n. 16

IMP. NA TYP. DO «JORNAL DO COMMERCIO»